



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ZEFERINA-BEIRU: AUTONOMIA E RETOMADA QUILOMBOLA EM SALVADOR

APOENA DA SILVA FERREIRA¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender os processos de autonomia comunitária que vem ocorrendo na localidade do Beiru, em Salvador, mais especificamente, as ações voltadas ao resgate da herança e identidade quilombola circunscritas neste território, desde a formação do Quilombo do Urubu pela rainha angolana Zeferina, passando pela retomada de terras do nigeriano Beiru e depois com a ocupação de terreiros de candomblé iniciada por Miguel Arcanjo. Centramos a presente análise no processo de constituição da Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru, buscando entender suas contribuições neste processo. O Beiru tem passado por diversos processos de descaracterização identitária, sendo necessário potencializar a existência e manutenção de equipamentos construídos a partir da auto-organização, por iniciativa da própria comunidade, em localidades estigmatizadas e segregadas.

Introdução

A segregação étnico-racial se manifesta de diferentes formas nas grandes cidades brasileiras. Dentre elas, a precariedade na condição de habitabilidade e negligência do poder público frente aos de territórios ocupados por população majoritariamente negra.

Segundo Nascimento (1978), o racismo no Brasil não é explícito mas é institucionalizado. E essa institucionalização é devida ao controle social e cultural que tem as classes brancas dominantes, seja através da educação, seja através dos meios de comunicação ou do controle territorial sempre empenhadas em manter os negros afastados dos elementos de origem africana. Segundo o autor:

Tanto os obstáculos teóricos quanto os práticos têm prevenido os descendentes africanos de se afirmarem como íntegros, válidos, auto-identificados elementos da vida cultural e social brasileira. Pois realmente a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca tiveram reconhecimento no Brasil, desde a fundação da colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano. (NASCIMENTO, 1978, p. 94)

¹ Graduada em Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), aluna especial do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFBA.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Isso explica o incisivo processo de perseguição à toda manifestação negra em território nacional desde o período colonial, a propagação da mestiçagem a partir da década de 1930 e ao apagamento e esquecimento da historicidade negra na história tradicional brasileira. A história da constituição dos quilombos não aparece como elemento importante entre as contribuições do ensino da História oficial do Brasil.

Inerente à formação psicossocial e sociocultural da civilização luso-brasileira, o racismo ou “preconceito de cor”, segundo Fernandes (1964),

Conjuga avaliações e atitudes preconceituosas de cunho etnocêntrico e utilitário, a compulsões e controles sociais discriminativos, oferecendo a necessária base ideológica e etológica para [...] avaliações e atitudes bem como articulando-as a comportamentos estandardizados, que lhe conferem o mínimo de efetividade, coercitividade e continuidade. (FERNANDES, 1964, p.427).

Dessa forma, o racismo se retroalimenta, pois mantém uma determinada ordem social e trabalha para a sua reprodução. Não apenas por meio da exclusão no mercado de trabalho formal, mas afetando todas as dimensões que perpassam a existência do negro. O autor argumenta ainda que raça e classe são categorias imbricadas que devem ser analisadas sempre juntas para um entendimento completo das questões raciais.

A história do Beiru é marcada pela disputa fundiária e pela resistência negra em terras quilombolas em meio a repressão imperialista dos europeus e seus descendentes em solo brasileiro. Essas repressões aconteceram de diferentes formas, desde a expulsão das famílias negras da cidade formal até a violência policial atacando diretamente os mocambos, grupos de capoeira e terreiros de candomblé.

Atualmente, o Beiru tem passado por diversos processos de descaracterização identitária – venda de terrenos e instalação de equipamentos públicos onde outrora foram terreiros de candomblé, desapropriações de terras, tentativa de substituição do seu nome original, dentre outras – mas também criando novas formas de resistência.

Dessa forma, é necessário evidenciar trabalhos que a própria comunidade realiza no sentido de fomentar veículos autônomos de comunicação, fortalecer autoestima dos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

e das jovens por meio do resgate da ancestralidade local, ressignificação de espaços de sociabilização, formação, artes, entre outros, como um instrumento do direito à cidade. Neste sentido, entende-se que a Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru é um importante equipamento comunitário, pois desenvolve suas atividades num lugar ocupado coletivamente, oferece serviços diversos à comunidade e contribui para a manutenção da mesma, sem agredir sua identidade. A instituição também opera a partir de uma perspectiva antirracista.

A história de resistência quilombola do Beiru

A Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru carrega em seu nome a herança de luta ancestral, cuja historicidade evoca o legado da territorialidade quilombola da região: primeiro com o Quilombo do Urubu (ou Quilombo do Cabula) chefiado por Zeferina e posteriormente com a retomada de terras do Negro Gbeiru (Beiru). A localização do Beiru² (Figura 1) mostra sua abrangência na região.

Figura 1 - Localização do Beiru



Elaboração: Apoena Ferreira, 2018.

² Devido a tentativa, por parte de um vereador, de substituir o nome para homenagear o ex-presidente Tancredo Neves, em 1985, os moradores se mobilizaram a favor da permanência do nome Beiru. Atualmente o bairro permanece com ambos os nomes, segundo delimitação oficial de bairros de Salvador (Lei 9.278/2017).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Historicamente, a concessão de terras em território brasileiro era permitida prioritariamente através da ocupação e do uso produtivo. Para citar exemplos documentados na história brasileira estão as capitânicas hereditárias, o sistema de datas, os foros e as sesmarias. Estas últimas tratavam de terras concedidas pela Coroa portuguesa aos sesmeiros com o objetivo de garantir o povoamento no interior do país a fim de dominar com mais segurança o território (ALFONSIN, 2007, p. 71). Outro exemplo, historicamente menos referenciado, são os quilombos. Estruturados em locais de difícil acesso, para dificultar a entrada dos invasores portugueses, os quilombos abrigavam negros e negras outrora sequestrados de África e posteriormente escravizados no Brasil, que conseguiam fugir das fazendas e recriar, numa parcela do território, aspectos identitários e culturais africanos. Essas estruturas abrigavam grande contingente populacional e contavam com técnicas específicas de abastecimento, defesa e segurança, entre outras. Sem mencionar o aspecto legal, essas formas de ocupação tinham como fundamento de posse o uso produtivo da terra.

É em 1850, com a promulgação da 1ª Lei de Terras, que o uso produtivo e a ocupação efetiva das terras deixam de ser critérios para o acesso e direito à propriedade fundiária (ALFONSIN, 2007, p. 71). Esse marco legal admite apenas uma forma de aquisição da terra: a compra. É a partir daí que a terra passa a ter valor de troca e não valor de uso no Brasil. Essa medida é umas das formas de ataque a legitimidade do direito à terra das populações de descendência indígena e quilombola.

Retomando esse cenário, observamos que a história do Beiru é marcada pela disputa fundiária e pela resistência negra em terras quilombolas em meio a repressão imperialista dos europeus e seus descendentes em solo brasileiro. Essas repressões aconteceram de diferentes formas, desde a expulsão das famílias negras da cidade formal até a violência policial atacando diretamente os mocambos, grupos de capoeira e terreiros de candomblé (FERREIRA, 2017).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Chefiado por Zeferina, mulher angolana sequestrada e trazida para o Brasil, o Quilombo do Urubu (ou Quilombo do Cabula) localizava-se no Centro geográfico de Salvador, compreendendo terras que atualmente estão os bairros: Cabula, Engomadeira, Beiru, Arenoso, São Gonçalo, Saboeiro, São Gonçalo, Jardim Santo Inácio, Arraial do Retiro, Sussuarana, Pernambués, Narandiba, Doron, Resgate, Estrada das Barreiras, Mata Escura, Pirajá e parte do Subúrbio Ferroviário. Segundo Nunes (2015), permanece viva nesses lugares um tipo de “quilombo-ascendência”, que seria uma forma pela qual guetos e favelas continuam existindo, preservando elementos de sua história ancestral dentro dessa nova sociedade urbana. Há nas comunidades, dessa forma, uma ancestralidade contida nas formas de organização social e ocupação do solo próprias do lugar, que se perpetua através da memória coletiva, que:

tem como principal templo preservador os terreiros de candomblé espalhados pela região. A quilombo-ascendência, nesse sentido, seria uma concepção de ancestralidade a qual busca a construção de uma identidade afro-brasileira que não se esgote no arquétipo mítico da África ancestral; mas se construa também a partir do espaço concreto da liberdade para os crioulos, negros brasileiros nascido aqui, quanto para os que vieram com o tráfico negreiro – que é o quilombo. (NUNES, 2015-blog:ungareia)

Segundo Pedreira (1973 apud MOTA; FREITAS, 2014), a área do Cabula sofria frequentes perseguições comandadas pelo Governo do Estado da Bahia cujo objetivo era a desintegração e o esfacelamento do território. Mota e Freitas (2014), a partir do Mapeamento dos Terreiros de Salvador, elaborado pelo CEAO, apresentam a concentração de terreiros situados no Cabula.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Quadro 1: Terreiros situados na Região do Cabula

Bairros	Nº de Terreiros Percentual	(%) de Terreiros no Cabula
Arenoso	09	12,0
Arraial do Retiro	01	1,3
Beiru/T. Neves	14	18,7
Cabula	16	21,3
Cabula VI	01	1,3
Doron	0	0
Engomadeira	05	6,7
Mata Escura	09	12,0
Narandiba	01	1,3
Pernambués	17	22,7
Saboeiro	02	2,7
Total	75	100

Fonte: Mapeamentos dos Terreiros de Salvador (CEAO, apud MOTA e FREITAS, 2014).

Aproximadamente 30% dos terreiros localizados no Cabula estão no Beiru e no Arenoso³ (Quadro1), o que aponta a resistência e luta seculares na preservação do patrimônio nesses territórios. Em meio as transformações urbanas e proliferação do cristianismo, os resquícios de quilombos – os terreiros – sobrevivem como resistência cultural, religiosa e política-antirracista.

Embora não esteja na história oficial brasileira, alguns registros atestam a existência e abrangência do Quilombo do Urubu. Alguns autores como Sodré (1988), Pedreira (1973), Moura (1981) apresentam o registro onde as fontes oficiais do governo relatam o plano para destruir o Quilombo. Pedreira (1973 apud MOTA; FREITAS, 2014), afirma que:

3A Biblioteca está geograficamente situada no Arenoso mas tem um raio de abrangência nos bairros: Beiru, Arenoso, Novo Horizonte, Mata Escura, Estrada das Barreiras, Engomadeira e imageticamente o termo Beiru está vinculado ao antigo Quilombo que traça uma identidade local unindo Arenoso e Beiru.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Os quilombos de Nossa Senhora dos mares e do Cabula, também localizados nos arredores da cidade de Salvador, foram, como os demais de grande importância e periculosidade. Deles tomou conhecimento o então Governador e Capitão General da Bahia, o Conde da Ponte, que de imediato providenciou a sua extinção, mandando, para isso, vir à sua presença, no dia 29 de março de 1807, o Capitão-mor das Entradas e Assaltos do Termo da Cidade do Salvador, Severino da Silva Lessa, ao qual determinou a convocação de uma tropa para a destruição dos referidos núcleos. (PEDREIRA, 1973 apud MOTA E FREITAS 2014)

Quase um século depois da destruição do que era o Quilombo do Urubu, o Negro Beiru, propriedade da família Hélio Silva Garcia, recebe dos seus donos as terras da Fazenda Campo Seco em reconhecimento aos trabalhos prestados. Beiru, nascido no poderoso Estado de Oyo, Nigéria, chegou em Salvador na primeira metade do século XIX (NUNES, 2016). Dedicou-se a abrigar em suas terras negros que conseguiam fugir de outras fazendas. Com a sua morte, os Hélio Silva Garcia deram-lhe seu nome a fazenda e retomaram as terras, uma vez que Beiru não tinha herdeiros libertos. Segundo Nunes (2016), em 1910, as terras foram vendidas a Miguel Arcanjo, primeiro residente da área. Anos mais tarde ele fundou o terreiro de candomblé Massangua de Kariolé no local onde situava-se a casa grande da Fazenda Beiru. Foi assim que nasceu em 1912 a Nação de Amburaxó, na área conhecida como Jaqueira da Cebolinha, que atualmente dá nome ao Largo do Anjo-Mau.

Miguel Arcanjo foi um homem muito respeitado e morreu aos 81 anos, em 1941. Suas terras foram ocupadas e vendidas com o passar do tempo. Seus filhos-de-santo, Manoel Rufino e Morena obtiveram terras e fundaram, depois de sua morte, seus terreiros independentes. Em 1953, Morena fundou o terreiro São Roque que ainda permanece no Beiru (KOINONIA, 2018). Manoel Rufino fundou o Ilê Axé Tomin Bokum e depois da sua morte, em 1982, as terras foram vendidas para a Igreja Universal do Reino de Deus. É possível observar na Figura 2 a localização dessas áreas (NUNES, 2016).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura 2 – Localização de alguns pontos



Legenda

1. Terreiro São Roque.
2. Antigo Terreiro Massangua, atual Largo do Anjo-mal onde localizam-se a 11ª Delegacia de Polícia e o 6º Centro de Saúde Rodrigo Argollo.
3. Antigo Terreiro Ilê Axé Tomim Bokun, atual Igreja Universal do Reino de Deus.
4. Atual Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.

Fonte: Google Maps (2018).
Elaboração: Apoena Ferreira (2018)

Mais recentemente nos séculos XX e XXI, com a proposta de “desenvolvimento” e urbanização por meio intervenções físicas no espaço, o Beiru vem sendo atacado e sua história se perdendo. Atualmente pode ser observada a disposição de equipamentos urbanos sobrepostos a elementos territoriais que ajudavam a preservar a identidade local. Nos referimos aqui a 11ª Delegacia de polícia e ao posto médico, ambos instalados em terrenos que outrora foram terreiros de candomblé da nação Amburaxó, quase extinta no território nacional. Em 1979, o governado do Estado da Bahia, resolveu desapropriar todos os herdeiros das terras do Beiru, tirando a posse de todas as terras em detrimento da instalação de um projeto de urbanização da área (SOARES, 2013).

Sem respeitar a história e ancestralidade negra que dera inestimável contribuição à composição e história da população brasileira, os estudos que embasaram as delimitações atuais de bairros de Salvador não preservaram a territorialidade circunscrita na historicidade do legado do Negro Beiru e das terras compradas e ocupadas posteriormente por Miguel Arcanjo e seus descendentes. A proposta foi

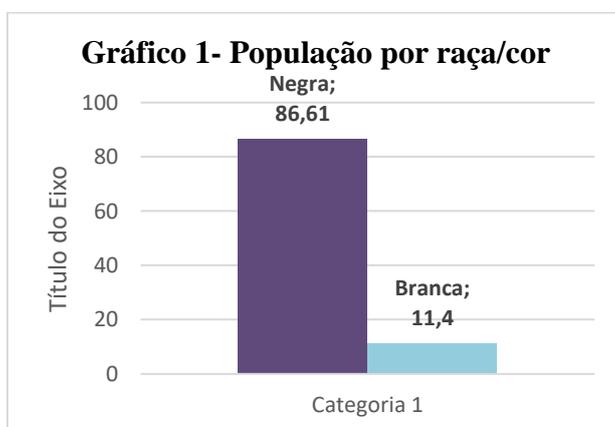


SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

elaborada em 2013 e tem como base o trabalho 'O Caminho das Águas em Salvador', fruto de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), com a participação de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e de técnicos da Prefeitura de Salvador e do governo do estado. O estudo, realizado entre 2007 e 2012, delimitou 160 bairros e três ilhas na cidade, estabelecendo um recorte territorial fundamentado na noção de identidade e pertencimento. O estudo, desmembrou o Arenoso do Beiru, duas localidades entrelaçadas pela história de povoamento, resistência e ancestralidade.

Realidade atual socioeconômica e novos desafios

Segundo estudo apresentado pela Companhia de Desenvolvimento da Bahia-CONDER (2016), que reuniu dados dos últimos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a região do Arenoso e do Beiru, possuem uma população de 67.020 habitantes, em 2010. O estudo aponta também uma alta densidade demográfica: 314 hab./há e as maiores densidades demográficas da região do Cabula: entre 251 a 355 hab./ha. Essa população é composta majoritariamente (86%) de pessoas que se auto declaram negra (Gráfico 1), sendo mais da metade de mulheres (Gráfico 2). Especificamente no Beiru e Arenoso, há uma população jovem muito expressiva com faixa etária entre 15 e 29 anos que representa 30%.



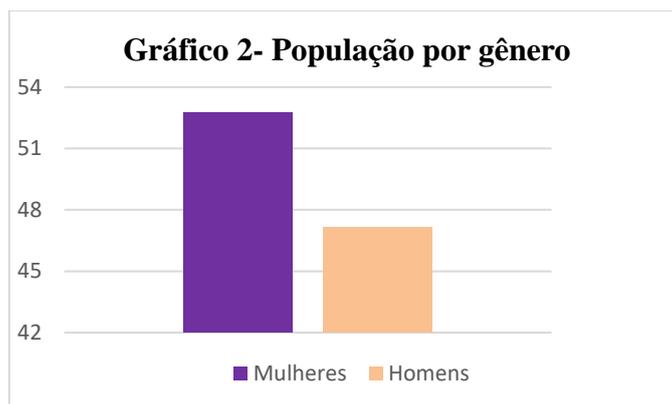
Fonte: Painel Informs (Conder, 2016)

O estudo mostra ainda que a população não alfabetizada, com idade acima de 15 anos, tem diminuído ao longo do tempo, o percentual era de 23% nos anos 2000 e



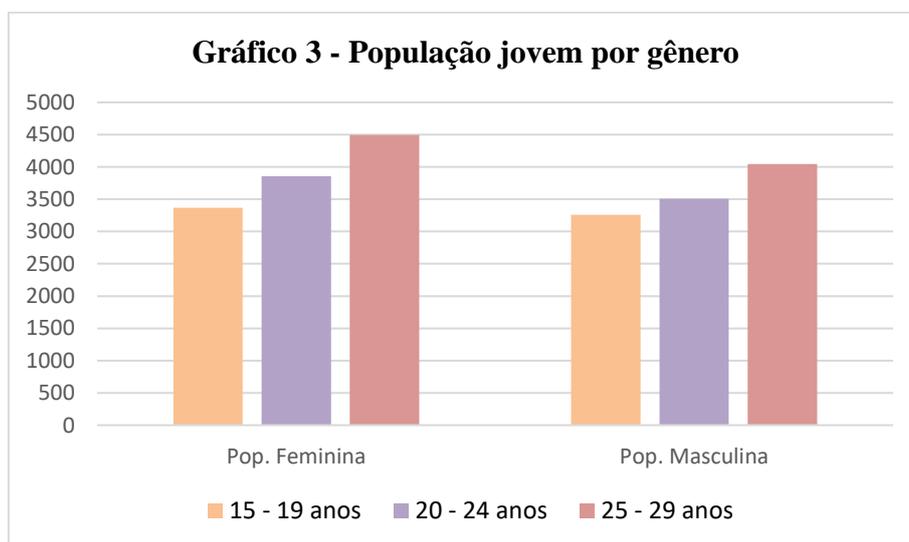
SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

aproximadamente 12%, em 2010. No entanto, o número de mulheres analfabetas (4.632) continua sendo levemente maior do que o número de homens (3.520). O que aponta para uma pressão social da atuação feminina ligada a outras áreas que não a educação.



Fonte: Painel Informs (Conder, 2016)

O Atlas do Desenvolvimento Humano (2010)⁴, apresenta a população total por gênero e por faixas etárias. Aproximadamente 30% da população total, cerca de 22.000 habitantes, é jovem. Sendo sua maioria de mulheres jovens, como mostra o gráfico 3.



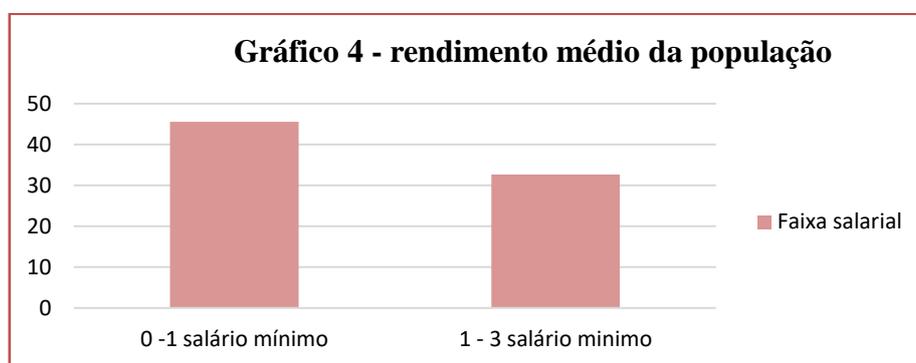
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2010)

⁴ O Atlas do Desenvolvimento Humano, trabalha com Unidades de Desenvolvimento Humano-UDH. Os dados aqui apresentados são referentes a UDH que agrega o Arenoso, o Beiru e Engomadeira.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Em relação ao rendimento dos responsáveis por domicílios, temos o valor médio variando entre R\$ 763,70 e R\$ 1.039,40. A respeito da renda média por faixa salarial, o estudo nos mostra que a renda mensal também é baixa. Quase metade, 45,60% recebe entre 0 e 1 salário mínimo para sobreviver mensalmente, e aqueles que recebem entre 1 e 3 salários mínimos somam apenas 32,63% da população total. Como mostra o Gráfico 4.



Fonte: Painel Informs (Conder, 2016)

A variante renda é fator determinante para medir as condições materiais de existência do indivíduo e/ou grupo familiar no sistema capitalista. Assim, a baixa renda impede o acesso a determinados bens e serviços que contribuem para melhoria na educação, saúde, lazer, entre outros.

No Beiru e seu entorno as opções de atividades desse tipo são precárias. Analisando de forma breve apenas o contexto educacional, em pesquisa própria realizada na internet, através do Portal QEdU, plataforma que contém os principais dados do nosso ensino básico no Brasil, e sites das próprias instituições de ensino, é possível observar um déficit nas maiores escolas da região, frequentadas por crianças, jovens e adultos (Quadro 2). Nota-se que poucas instituições contam com uma biblioteca, e o empréstimo de livros não se abrange à comunidade, é restrito às pessoas que possuem vínculo com a instituição.

Quadro 2 – equipamentos de educação no Beiru

Instituição	Ensino	Dimensão	Possui
-------------	--------	----------	--------



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

			biblioteca
Escola Municipal do Beiru	1º a 5º ano + EJA	18 salas	não
Colégio Estadual Dep. Luiz Eduardo Magalhães	5º ano ao ensino médio + EJA	17 salas	sim
Colégio Estadual Norma Ribeiro		14 salas	sim
Colégio Estadual Helena Guimarães - Quilombola	5º ano ao ensino médio + EJA	13 salas	não
Escola Municipal Maria Dolores		8 salas	não
Colégio Edvaldo Fernandes	Ensino médio + EJA	7 salas	sim
Escola Municipal Maria Dolores		8 salas	não
Municipal 22 de abril		7 salas	não

Fonte: Portal QEdU (2017).

A juventude do Beiru é frequentemente estigmatizada e associada à violência no cenário midiático e no imaginário dos moradores da cidade. Essas associações são frequentemente disseminadas pela mídia. Em sua dissertação Vilma Reis (2005) relata o contexto midiático de estigmatização do Beiru e sua população, construída e reforçada por mais de 30 anos como violentos e perigosos, o que, segundo a socióloga, irá legitimar a operação especial da polícia militar do estado da Bahia denominada Operação Beiru, ocorrida em 1996 que resultou na morte de vinte homens negros, com idade entre 15 e 35 anos. (REIS, 2005, p. 120).

É a partir dessa realidade social e econômica que irá emergir iniciativas de base comunitária no Beiru. Destacam-se aí, além da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru:



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

1. a Associação Cultural Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro fundada por volta de 1985, quando tornou-se a principal frente de luta contra a tentativa de substituição do nome de Beiru para Tancredo Neves, em 2007, a associação publicou o importante livro Beiru que conta a história da ocupação quilombola e de seus personagens; 2. o Grupo Odeart, de 1990, entidade que prezava a valorização do teatro, música, dança e artes visuais pautadas na linguagem afro-brasileira local do Cabula e suas adjacências; 3. o Jornal do Beiru, criado em 2002, foi um projeto de comunicação comunitária com enfoque na formação e valorização da cultura africana e afrodescendente, presente no bairro do Beiru e Cabula.

Autonomia e retomada quilombola: A Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru

A Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru é uma instituição autônoma, sem fins lucrativos, que parte da iniciativa dos moradores dos bairros Beiru e Arenoso de dar nova utilização um prédio abandonado a mais de seis anos. Com a especulação de utilização do prédio pela Secretaria de Segurança Pública para abrigar uma Unidade de Polícia Pacificadora – UPP, dentre outros motivos, a comunidade se organizou no sentido de dar nova utilização ao imóvel, transformando-o numa instituição de ensino. Nos dias 28 e 29 de novembro de 2015, a Biblioteca foi simbólica e oficialmente inaugurada, mas suas atividades foram iniciadas cerca de dois anos antes, em 2013, quando foram iniciadas as reformas do prédio e a arrecadação de livros para compor seu acervo.

Segundo d'Adesky (2009), o racismo parte de dois tipos: o primeiro que nega a identidade do grupo, chamado de racismo universalista – baseado nos valores modernos universais – e o segundo, chamado racismo comunitarista, que nega uma humanidade comum entre os grupos, baseado nos valores holísticos de pertencimento comunitário.

O racismo à brasileira, segundo ele, é um racismo universalista, com tendências assimilacionistas, pois é “implícito, alicerçado na denegação da identidade de grupo e



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

na denegação dos valores das heranças cultural e histórica” (D’ADESKY, 2009, p.151). Para cada tipo de racismo irá se desenvolver um tipo de antirracismo correspondente. A contribuição que mais nos orienta aqui é a sua definição de antirracismo comunitarista, que, em resumo, se baseia em: 1. Preservar as identidades culturais (língua, costumes, religião, etc.); 2. Proteger as comunidades tradicionais e, 3. Reivindicar o direito às diferenças. A partir dessa definição podemos enfatizar que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru atua na perspectiva antirracista comunitarista onde procura preservar a história herdada a partir da atuação quilombola no Beiru. Por isso, as atividades e projetos da instituição são voltadas a valorização da história e cultura negra, seja a partir da agroecologia, como alternativa alimentar e medicinal ancestral, seja nas aulas de percussão ou capoeira, poesia e leitura retomando a oralidade como veículo de transmissão de saberes.

Figura 3 – Localização da Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru



Elaboração: Apoena Ferreira, 2018.

O prédio que hoje abriga a Biblioteca, teria sido construído no final da década de 80 para abrigar um cinema comunitário. Passado o período de funcionamento do cinema, o prédio abrigou outras iniciativas dos próprios moradores, como a Associação



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Desportiva Ferroviária, existente desde 1981, popularmente conhecida como ADF e uma escola infantil pertencente a mesma associação (onde alguns membros atuais da Biblioteca chegaram a estudar). O prédio esteve abandonado por cerca de 6 anos, até que Diego Lima, morador da localidade, começou a mobilizar-se em torno da sua ocupação. Para tal, buscou articulações com vizinhos, amigos e com membros do Movimento Contra a UPP na UNEB⁵ dos quais já havia se aproximado. De início, os mutirões realizados aos fins de semana eram dedicados à manutenção predial, possibilitando o conserto e instalação das tubulações e rede elétrica do prédio, a reforma do banheiro e da cozinha, a instalação das portas, a limpeza da área externa e, por fim, da triagem e organização do acervo de livros da Biblioteca.

Figura 4 – Atividades e oficinas da Biblioteca



Fonte: Acervo da Biblioteca (Facebook, 2018)

⁵ Entre 2012 e 2013, havia a possibilidade de instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora-UPP, que seria construída em parte do terreno da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) para atender o bairro da Engomadeira. Porém o projeto está suspenso devido as mobilizações contrárias dos moradores e da comunidade universitária. (Coletivo Contra Corrente, 2013)



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura 5 – Parte superior da Biblioteca



Fonte: Acervo da Biblioteca (Facebook, 2018)

O prédio, já reformado, é composto de uma área interna, onde ficam a cozinha, o banheiro, a brinquedoteca, a sala dos livros e espaço para reuniões; uma área externa, onde fica a horta comunitária que serve ao resgate da prática ancestral da agroecologia e ao fomento da autonomia financeira da Biblioteca e dos moradores; e a parte superior onde ficam realizadas as atividades esportivas e eventos culturais.

A Biblioteca é um equipamento urbano de base comunitária e de atuação antirracista. Em primeiro lugar, porque dedica seu trabalho prioritariamente à oferta de serviços sempre negados a população negra, numa tentativa de equilibrar o déficit existente. Em segundo lugar porque sua organização é fundamentada nos valores africanos e sobretudo quilombolas, numa perspectiva multidisciplinar para compreender a realidade, atuando em diferentes áreas: segurança alimentar, a partir da sua horta comunitária; na área de esporte com oficinas semanais de boxe para homens e mulheres adultas e skate para crianças e jovens; na área da comunicação através do Jornal do Beiru, um veículo independente de circulação local e na implantação da rádio digital; na área pedagógica, com auxílio escolar, leituras coletivas, organização de saraus de poesia e orientação sobre a história negra e quilombola que marca a



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

existência do bairro; na área de saúde, levando à comunidade práticas ancestrais de cuidado com o corpo, cultivo de plantas medicinais e ginecologia natural; na área de economia criativa e na área de resgate à ancestralidade com oficinas semanais de capoeira e periodicamente de confecção de instrumentos musicais, dentre outros aspectos.

A caracterização do atual Beiru, com aproximadamente 90% de população negra e 30% de jovens com acentuada proporção de mulheres, atesta a importância de equipamentos dessa ordem para promover encontros geracionais, ocupação do tempo, formação de ideias, trocas de conhecimento e dinamização de experiências com foco na própria comunidade.

Enquanto projeto político, a Biblioteca objetiva: 1. Resgatar o senso de comunidade entre os moradores, fortalecendo a autoestima e o sentimento de pertencimento local; 2. Formar novos agentes culturais que atuem no bairro; 3. Resgatar a agroecologia enquanto prática tradicional na manutenção da horta comunitária; 4. Possibilitar a familiarização da comunidade com as técnicas do grafite num viés profissionalizante; 5. Promover a capoeira enquanto traço marcante da cultura local, perpetuando os saberes pertinentes a produção dos seus instrumentos. Portanto, o comprometimento é com o resgate do território e das práticas nele inscritas, sobretudo para as crianças que precisam de referências identitárias ligadas à sua ancestralidade e a historicidade do seu bairro.

Considerações Finais

A Biblioteca Comunitária Zeferina-Beiru tem papel importante no resgate da história e identidade do Beiru, enquanto vetor de socialização e de resgate da memória coletiva local.

Em resposta à segregação étnico-racial presente na cidade de Salvador, especificamente no Beiru, a Biblioteca atua voltando-se à defesa da identidade



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

coletiva para proteger a história, memória e cultura afro-brasileira, sempre reprimida no território nacional. Com isso, não se pretende inovadora, mas, por se basear na história já inscrita, procura dá continuidade ao trabalho iniciado há, pelo menos, 300 anos, com a constituição do Quilombo do Urubu.

Os dados levantados mostram que o Beiru está imerso numa realidade socioeconômica antagônica a sua riqueza sociocultural. Sua história ancestral, cujo legado influenciou na composição étnica atual, majoritariamente negra (90%), garantiu também a concentração de terreiros e permanência da espírito de luta. Embora possua uma população de renda baixa, com igual nível de escolaridade e oferta de equipamentos urbanos precários.

A partir da história do Beiru, é possível notar que as disputas fundiárias desencadearam processos de consolidação de ocupação afrodescendente que permitiram construir uma memória coletiva capaz de criar estratégias de resistência que se estenderam até os dias atuais. Ao longo do tempo, grupos se organizaram no sentido de resgatar, primeiro, a perspicácia e determinação de Zeferina em se organizar, retomar terras e recriar a herança africana em território brasileiro. Depois, preservar o legado de um homem africano cuja estratégia de sobrevivência incluía garantir, quanto possível, o acolhimento de outros negros e negras em sua mesma situação de escravizados: Beiru. Mais tarde, Miguel Arcanjo, viera demarcar a ancestralidade negra através da fundação do candomblé da raiz Amburaxó. No mesmo sentido, a Biblioteca, procura garantir que essas histórias não se percam e possam inspirar gerações.

Referências Bibliográficas

ALFONSIN, Betânia. O significado do estatuto das cidades para os processos de regularização fundiária no Brasil. In: ROLNIK, Raquel et al. (Org.). Regularização Fundiária Plena - Referências Conceituais. Brasília: [s.n.], 2007. p. 68-98.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DA BAHIA - CONDER. Painel de Informações, 2010. Salvador, 2016.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

d'ADESKY, Jaques. Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismos e Antirracismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FERNANDES, Floristan. A integração do negro na sociedade de classes.

KOINONIA. (Salvador-Ba). TERREIRO SÃO ROQUE. Disponível em: <<http://koinonia.org.br/axecomarte/terreiro-detelhes.php?inst=34>>. Acesso em: 27 set. 2018.

FERNANDES (Florestan) . — A integração do Negro na sociedade de classes. Dominus Editora. São Paulo, 2 vols. 655 págs., 1965.

MOTA, Flávio Oliveira; FREITAS, Breno Braga de Souza. UMA BUSCA PELA IDENTIDADE CULTURAL DE ORIGEM QUILOMBOLA. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, IIV., 2014, Vitória-ES. UMA BUSCA PELA IDENTIDADE CULTURAL DE ORIGEM QUILOMBOLA... Vitória: [s.n.], 2014. p. 1-12. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404308321_ARQUIVO_ArtigodaCBG.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.

NUNES, Davi. TRAÇOS DA HISTÓRIA DO BAIRRO ARENOSO E O QUILOMBISMO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ZEFERINA-BEIRU. 2015. Disponível em: <<https://ungareia.wordpress.com/2015/12/01/tracos-da-historia-do-bairro-arenoso-e-o-quilombismo-da-biblioteca-comunitaria-zeferina-beiru/>>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____. ZEFERINA: RAINHA QUILOMBOLA QUE LUTOU CONTRA A ESCRAVIDÃO EM SALVADOR-BA. 2016. Disponível em: <<https://ungareia.wordpress.com/2016/05/13/zeferina-rainha-quilombola-que-lutou-contr-a-escravidao-em-salvador-ba/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SANTOS, Luan. Câmara aprova projeto que delimita bairros de Salvador. Correio da Bahia, Salvador, 18 set. 2017. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/camara-aprova-projeto-que-delimita-bairros-de-salvador/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

SOARES, Kátia. Amburaxó: O primeiro culto brasileiro. 2013. Disponível em: <<http://jaweto.blogspot.com/2013/04/amburaxo-o-primeiro-culto-brasileiro.html>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SALVADOR. Lei n. 9.278, de 20 de set. de 2017. Delimitação e denominação dos bairros do Município de Salvador, p. 2-5, set. 2017. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2017/927/9278/lei-ordinaria-n-9278-2017-dispoe-sobre-a-delimitacao-e-denominacao-dos-bairros-do-municipio-de-salvador-capital-do-estado-da-bahia-na-forma-que-indica-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 07 out. 2018.